

TUDO
O QUE
NÃO
SOMOS

AMMOSTRRA

MADELEINE GRAY

TUDO
O QUE
NÃO
SOMOS

TORDESILHAS

Tudo o que não somos

Copyright © 2025 TORDESILHAS

Tordesilhas é um selo da Alaúde Editora Ltda, empresa do Grupo Editorial Alta Books (Starlin Alta Editora e Consultoria LTDA).

Copyright © 2023 MADELEINE GRAY.

ISBN: 978-65-5568-311-0.

Translated from original Green Dot. Copyright © 2023 by Madeleine Gray. ISBN 9781250890597. All Rights Reserved. Published by arrangement with Allen & Unwin, Brazilian Portuguese language edition published by Starlin Alta Editora e Consultoria Eireli, Copyright © 2025 by STARLIN ALTA EDITORA E CONSULTORIA LTDA.

Impresso no Brasil – 1ª Edição, 2025 – Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(BENITEZ Catalogação Ass. Editorial, MS, Brasil)

G781t
1.ed. Gray, Madeleine
Tudo o que não somos / Madeleine Gray ; tradução
Andresa Vidal. – 1.ed. – Rio de Janeiro :
Tordesilhas, 2025.
352 p. : 15,7 x 23 cm.
Título original: Green dot.
ISBN 978-65-5568-311-0
I. Romance australiano. I. Vidal, Andresa.
II. Título.
06-2025/22 CDD A822

Índice para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura australiana A822

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida. A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta obra fora formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).

Marcas Registradas: Todos os termos mencionados e reconhecidos como Marca Registrada e/ou Comercial são de responsabilidade de seus proprietários. A editora informa não estar associada a nenhum produto e/ou fornecedor apresentado no livro.

Material de apoio e erratas: Se parte integrante da obra e/ou por real necessidade, no site da editora o leitor encontrará os materiais de apoio (download), errata e/ou quaisquer outros conteúdos aplicáveis à obra. Acesse o site www.altabooks.com.br e procure pelo título do livro desejado para ter acesso ao conteúdo.

Suporte Técnico: A obra é comercializada na forma em que está, sem direito a suporte técnico ou orientação pessoal/exclusiva ao leitor.

A editora não se responsabiliza pela manutenção, atualização e idioma dos sites, programas, materiais complementares ou similares referidos pelos autores nesta obra.

Produção Editorial: Grupo Editorial Alta Books

Diretor Editorial: Anderson Vieira

Vendas Governamentais: Cristiane Mutùs

Coordenadora Editorial: Mariana Portugal

Produtora Editorial: Viviane Corrêa

Tradução: Andresa Vidal

Copidesque: Vanessa Schreiner

Revisão: Denise Himpel

Diagramação: Fernando Cesar


ALTA BOOKS
GRUPO EDITORIAL

Rua Viúva Cláudio, 291 – Bairro Industrial do Jacaré
CEP: 20.970-031 – Rio de Janeiro (RJ)
Tels.: (21) 3278-8069 / 3278-8419
www.altabooks.com.br – altabooks@altabooks.com.br
Ouvidoria: ouvidoria@altabooks.com.br

Editora
afiliada à:

 **albr**
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE
LIVRE EDITORIA

ASSOCIADO  **CBL**
Conselho
Brasileiro
do Livro

O que dizem sobre

TUDO O QUE NÃO SOMOS

“Senti tanta alegria enquanto lia esta narrativa tão cheia de segurança. *Tudo o que não somos* foi escrita com tanta elegância, tanta confiança que não consegui tirar os olhos das páginas. Fiquei hipnotizada por seu brilhantismo.”

JESSIE TU,

autora de *A Lonely Girl is a Dangerous Thing*

“Estou obcecada por este livro. Obcecada por Hera, por seu pai, seus amigos, seu cachorro. Obcecada por como ela é engraçada e por como o mundo, através de seus olhos, é ao mesmo tempo esperançoso, sombrio, terno e desolador. *Tudo o que não somos* é um livro sobre o amor, e sobre o quanto a vida pode ser estúpida, engraçada e absolutamente bela. Eu o leria para sempre se pudesse.”

LAURA McPHEE-BROWNE,

autora de *Cherry Beach*

“Daqueles livros em que se ri alto e com força, lindamente identificável; *Tudo o que não somos* é um livro que vai continuar na minha cabeça por muito tempo.”

EWA RAMSEY,

autora de *The Morbids*

“Incrivelmente engraçado e um pouco real demais. Este romance de estreia captura o espírito do tempo.”

BRIGID DELANEY,

autora de *Razões para não se preocupar* e *Wellmania*

Para aqueles que trabalham com música.

*Estou me apaixonando e não sei o que fazer
Me joga num maldito carrinho de mão e atea fogo em mim*

Hera Lindsay Bird, "Monica"

AMMOSTRRA

Por algum tempo, durante meus 20 e poucos anos, estive profundamente apaixonada por um homem que nunca abandonaria a esposa. Em nenhum momento desse relacionamento me iludi quanto ao desfecho que me aguardava — afinal, toda representação desse tipo de história na cultura popular já deixava claro qual seria meu destino.

Sempre me saí bem na escola, mas, desde então, nunca encontrei muitas oportunidades de conquistar algo. Talvez minha dedicação a esse relacionamento fosse, na verdade, uma dedicação à minha crença em mim mesma — a ideia de que eu poderia fazer um homem me amar tão intensamente a ponto de abandonar a única vida que ele conhece, todas as suas supostas responsabilidades, apenas para ter minha companhia para sempre. Eu não oferecia nada além de mim mesma, entende? Não era rica, não tinha bens nem conexões importantes. Não tinha filhos nem qualquer outra coisa que realmente me prendesse a um lugar. Ele tinha todas essas coisas — estava tão acomodado no sofá da própria vida que já beirava a meia-idade! Eu ansiava pela estabilidade que ele parecia exalar — estava embriagada por uma promessa de felicidade banal implícita em suas bermudas cargo e seus óculos de sol comprados na farmácia. Eu era completamente fascinada pela forma como ele combinava um cargo alto na empresa com a timidez e o nervosismo de alguém

que sofreu bullying na infância e que, desde então, transformou essa insegurança em um charmoso traço de personalidade. Meu Deus, como eu o desejava. E eu sabia que, se fizesse o suficiente, se me esforçasse o suficiente, esperasse o tempo necessário, fosse compreensiva, gentil e engraçada o suficiente, excitante e flexível o suficiente, então eu poderia tê-lo. Assim eu teria uma vida na qual não precisaria mais tomar decisões. Eu me moldaria para me encaixar nele, me acomodaria no sofá da vida dele. Sem mais sentir ansiedade sobre o que fazer, quem encontrar ou como passar minhas noites. Eu seria dele, e isso bastaria. Enfim, eu poderia descansar.

ANNO
S
R
A

PARTE UM

AMMOSTRRA

No ensino médio, minhas colegas frequentemente especulavam sobre o emprego dos sonhos e sobre qual curso deveriam fazer para alcançá-lo. No último ano, nos reuníamos no deck durante o almoço — garotas de diferentes grupos e classes sociais, com saias de comprimentos variados — todas unidas por um mesmo objetivo: preencher as lacunas desse tempo vago e hipotético de “quando a escola acabar”. Como eu estava entre as melhores alunas da turma, inevitavelmente a bola era jogada para o meu lado. Eu deveria mencionar uma profissão dos sonhos que exigisse uma nota alta no vestibular e um diploma de uma universidade prestigiada. Então, todas assentiriam, porque aquilo que eu dissesse faria sentido.

Embora eu fosse inteligente, nunca havia decorado a tabuada nem demonstrado qualquer aptidão para ser uma mulher da área das exatas ou biológicas, então minhas opções se resumiam a advogada, jornalista ou professora. Advogada: dinheiro. Jornalista: empolgante. Professora: nobre. Eu sabia que só precisava escolher uma para, depois, a conversa seguir naturalmente, como um passe certo de uma jogadora na defesa para o meio de campo. Mas eu não consegui. Perdi a bola. Tropecei na hora do chute. (Isso é algo que acabou virando um hábito, como você verá.) Em um tom monótono e condescendente, eu disse:

— Ah, sei lá. Não quero fazer nada além de aprender ou, tipo, ler, porque todo o restante parece tragicamente deprimente e sem sentido. No caminho para a escola, vejo as pessoas no ônibus indo para o trabalho, e elas parecem tão acabadas.

Minha amiga Soph estava no deck comigo; eu olhei para ela em busca de apoio. Ela deu um sorriso torto de encorajamento; interpretei isso como um sinal verde para continuar falando, me aprofundar no assunto.

Tenho o hábito de coçar o pescoço quando estou nervosa, tentando fingir naturalidade — e o que imagino ser uma atitude imprópriamente descolada. É claro que fiz isso naquele momento. Toda a atenção estava voltada para mim. Eu estava ciente do meu corpo, da minha postura — que, segundo me disseram, pode ser interpretada como defensiva. Estava me segurando, usando os braços como uma gaiola. Mas o que é uma atitude defensiva senão uma mão para cima, acenando enquanto se afoga? Parecia inevitável; a qualquer momento eu seria desmascarada. Eu usava as palavras, toda minha sagacidade, para desviar a atenção de minha mão trêmula e do fato de que minhas coxas roçavam enquanto eu andava, não importa quão pouco eu comesse e o quanto corresse. Fora dos muros da escola, eu me esforçava para manter certa autonomia; lá fora, minha falta de confiança para interagir com o sexo oposto resultava em uma desvalorização imediata do meu valor social. Mas, dentro da escola, rodeada de garotas, eu era boa com as palavras. Consequia conduzir o jogo.

Naquele momento, eu ainda não tinha perdido completamente a atenção da plateia. Vi algumas delas se lembrando do próprio trajeto matinal, refletindo sobre os rostos abatidos das pessoas em seus terninhos com tênis, correndo miseravelmente para pegar o ônibus. Mas, então, uma das internas, soando exasperada por ter que explicar algo tão óbvio, interveio:

— É, mas meu pai diz que se você fizer o que ama, nunca terá que trabalhar.

Um coro grego de outras internas murmurou em concordância. Sem o apoio delas, eu não tinha a menor chance de ganhar o voto popular — elas eram a maioria.

Naquele instante, eu soube que ia ser cruel e simplesmente não tive autocontrole para me segurar. Não consegui resistir à tentação de soltar uma resposta afiada:

— O que seu pai faz?

— Ele administra fazendas — respondeu ela com os braços cruzados contra o poliéster xadrez, as costas apoiadas nas pernas do banco, um território marcado.

Olhei para Soph em busca de reafirmação, esperando que ela me confirmasse que eu podia continuar, fincar a lâmina. Mas sua expressão era impenetrável; ela claramente havia decidido que só ficaria ali, observando. Ia me ver estragar tudo, como já fizera tantas outras vezes. Diferente de mim, Soph sempre soube a hora de parar.

Eu tinha uma última chance de não ser uma babaca... e não a aproveitei:

— Certo, bom, então sinto muito, mas seu pai ou é um idiota ou um mentiroso. Pior para você.

Em seguida, fiz uma careta para deixar claro que eu não gostava de ter que dar essa má notícia, mas, lamentavelmente, alguém precisava fazê-lo.

Essa atitude não foi muito bem recebida, como você pode imaginar. Algumas das garotas populares soltaram risadinhas, mas a maioria, não — porque, embora o que eu tivesse dito fosse engraçado, ainda assim não era legal ser uma cuzona descarada. Eu sabia disso, já tinha percebido antes, mas minha revolta com a perspectiva de um futuro de trabalho remunerado deve ter momentaneamente nublado meu instinto de autopreservação